



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

MARIA EUGÊNIA GOUVEIA PESSOA

**A AULA DE CAMPO: UMA NOVA LINGUAGEM COMO UM ESTÍMULO NO
ENSINO DE GEOGRAFIA**

GUARABIRA/PB

2016

MARIA EUGÊNIA GOUVEIA PESSOA

**AAULA DE CAMPO: UMA NOVA LINGUAGEM COMO UM ESTÍMULO NO
ENSINO DE GEOGRAFIA**

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, em cumprimento a exigência para a obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Área de concentração: Geografia, Educação e Cidadania

Orientador: Prof. Dr. Antonio Elísio Garcia Sobreira

Co-orientadora: Prof. Ms. Noemi Paes Freire

GUARABIRA/PB

2016

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P475a Pessoa, Maria Eugênia Gouveia.
A aula de campo [manuscrito] : uma nova linguagem como estímulo no ensino de Geografia / Maria Eugênia Gouveia Pessoa. - 2018.
40 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades. 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Antonio Elísio Garcia Sobreira ,
Coordenação do Curso de Geografia - CH."
"Coorientação: Profa. Ma. Noemi Paes Freire ,
Coordenação do Curso de Geografia - CH."
1. Prática de ensino. 2. Aula de campo. 3. Métodos de ensino. I. Título

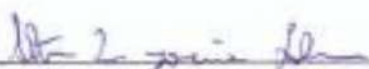
21. ed. CDD 371.384

MARIA EUGÊNIA GOUVEIA PESSOA

A AULA DE CAMPO: UMA NOVA LINGUAGEM COMO UM ESTÍMULO NO
ENSINO DE GEOGRAFIA

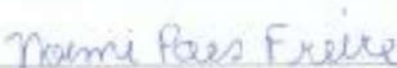
Aprovada em: 26/12/2010

BANCA EXAMINADORA



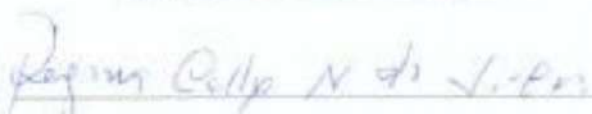
Prof. Dr. Antonio Elísio Garcia Sobreira (Orientador)

Professor do curso em Licenciatura Plena em Geografia/CH/UEPB



Prof. Mestre Noemi Paes Freire (Co-orientadora)

Mestre e Doutoranda em Geografia



Prof. Dr. Regina Celly Nogueira da Silva (Examinadora)

Professora do curso em Licenciatura Plena em Geografia/CH/UEPB



Prof. Dr. Luis Arthur Pereira Saraiva (Examinador)

Professor do curso em Licenciatura Plena em Geografia/CH/UEPB

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre está presente em minha vida, me dando sabedoria para lutar por minhas conquistas.

Em especial aos meus pais Elsa Gouveia e Pedro Alves, por todo incentivo e pela confiança que sempre depositaram em mim.

Aos meus irmãos e irmã, por sempre acreditar nos meus ideais, me dando o apoio necessário para que eu chegasse até aqui.

A professora Mestre Noemi Paes, pelo andamento deste meu trabalho.

Ao meu orientador professor Doutor Antonio Sobreira, pela confiança depositada em mim.

A minha Grande amiga da graduação, Edilma Couto pela amizade e cumplicidade.

E a todos que colaboraram direta e indiretamente para a realização deste meu trabalho.

AAULA DE CAMPO: UMA NOVA LINGUAGEM COMO UM ESTÍMULO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

MARIA EUGÊNIA GOUVEIA PESSOA

RESUMO

O presente trabalho vem levantar questões sobre a prática de ensino em Geografia. Para isso, foi realizada uma pesquisa na Escola Estadual Professor Joaquim Torres, da cidade de Serra de São Bento/RN, com o principal objetivo de analisar a prática de ensino nas aulas de Geografia no que tange o trabalho de campo. No trabalho levantamos questões sobre como a aula de campo pode ser considerada uma ferramenta extraclasse diferenciadora, onde procuramos despertar interesse dos alunos a analisarem o estudo de sua própria localidade. Os docentes desta instituição de ensino, principalmente os de Geografia, afirmam com grande razão que a realização de um campo é muito importante para o desenvolvimento dos conteúdos trabalhados em aula, como também, fazem com que seus alunos despertem mais interesse por esta disciplina. Questionamos também sobre os recursos didáticos trabalhado pelos professores destas disciplinas e o livro didático foi a peça central das respostas dadas, portanto, a sociedade, juntamente à escola e os demais envolvidos, precisam estar em conjunta união para poderem realizarem aulas consideradas diferenciadas, deixando de lado aquele dilema pelo tradicionalismo. A sala de aula é o local muito importante para se ter conhecimentos de determinados assuntos, mas a realização de uma aula fora dela traz outros desafios além dos didáticos e pedagógicos, conhecendo e vivenciando aquele espaço da comunidade educativo que é por essência político, é sem dúvida um aprendizado que pode ser considerado positivo.

PALAVRAS-CHAVE: Prática de ensino - aula de campo – recurso didático.

THE FIELD CLASS: A NEW LANGUAGE AS A STIMULUS IN THE TEACHING OF GEOGRAPHY

MARIA EUGÊNIA GOUVEIA PESSOA

ABSTRACT

The present work raises questions about the teaching practice in geography. For this, a research was carried out at the Escola Estadual Professor Joaquim Torres, from the city of Serra de São Bento/RN, with the main objective of analyzing the teaching practice in the Geography classes in what concerns field work. In the work we raise questions about how the field class can be considered as a differentiating extraclass tool, where we try to arouse students' interest in analyzing the study of their own locality. The teachers of this educational institution, especially those of Geography, say with great reason that the realization of a field is very important for the development of the contents work in class, as well as, they cause their students to arouse more interest in this discipline. We also questioned the didactic resources worked by the teachers of these disciplines and the didactic book was the centerpiece of the answers given, therefore, the society, together with the school and the others involved, need to be in a joint union to be able to perform classes considered differentiated, traditional dilemma. The classroom is a very important place to learn about certain subjects, but the realization of a class outside of it brings challenges beyond teaching and pedagogic, knowing and experiencing that space of the educational community that is by political essence, is without doubt a learning that can be considered positive.

KEY WORDS: Teaching practice - extracurricular class - teaching methods.

LISTA DE FIGURAS

Foto 1- Principal bloco da Escola Estadual Professor Joaquim Torres.....	21
Foto 2- Lajedo de Soledade, Apodi/RN.....	24
Foto 3- Igreja Matriz da Cidade de Martins/RN.....	25
Foto 4- Pousada da cidade de Martins.....	25
Foto 5- Alunos da turma do EJA 6º, noturno.....	28
Foto 6- Praça do ginásio poliesportivo da cidade de Serra de São Bento/RN.....	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 O QUE É UMA DISCIPLINA ESCOLAR.....	10
2.1 SURGIMENTO DA GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA.....	12
2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS METODOLOGIAS DE ENSINO.....	15
2.3 A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA PARA O DOCENTE E O DISCENTE.....	16
2.4 A GEOGRAFIA E A PRÁTICA DA AULA DE CAMPO.....	18
3. A PRÁTICA VIVENCIADA: RELATOS E EXPERIÊNCIAS DE UMA SAÍDA A CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	20
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA CIDADE DE SERRA DE SÃO BENTO/RN.....	20
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOAQUIM TORRES.....	20
3.3 RELATO DE CAMPO: A IMPORTÂNCIA DE UMA AULA PRÁTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	22
3.4 A ESCOLA, A GEOGRAFIA DO PROFESSOR E A TURMA DO EJA 6º COM UM OLHAR DE UMA PRÁTICA VIVENCIADA.....	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICE A – SONDAÇÃO APLICADA AOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA.....	38
APÊNDICE B – SONDAÇÃO APLICADA AOS ALUNOS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Considerada como um aprimoramento do conhecimento, a aula de campo tem suas contribuições essenciais, não somente na disciplina de Geografia, mas também em outras componentes de currículo escolar. Conhecendo o espaço em que se vive de uma forma mais real e objetiva pode-se estimular uma compreensão mais crítica e reflexiva e com outros olhares, o aluno será apresentado a uma realidade e poderá fazê-lo compreender uma totalidade que muitas vezes fica fragmentada apenas dentro da sala de aula. Na verdade, a Geografia está bem próxima do cotidiano de cada um de nós e o professor tem como um dever trabalhar com seus alunos tanto em escalas de nível global como a local.

A aula de campo é considerada uma metodologia de grande fundamento para o ensino de Geografia. É um momento em que se oferecem informações extremamente relevantes no processo de ensino-aprendizagem. Atualmente percebemos que há ainda muitos professores que se utiliza de um ensino com metodologias tradicionais, fazendo, às vezes, desta disciplina um componente curricular com conteúdos trabalhados de forma cansativa, utilizando em suas aulas apenas o livro didático e ou nos piores casos apresentando conteúdos apenas para serem memorizados. Todavia não se pode desvalorizar a importância da aula teórica, pois sem ela a prática não faria sentido, na realidade uma complementa a outra.

Muitas vezes passa-se despercebida a importância de uma aula numa localidade próxima à escola ou da realidade da comunidade escolar, na qual seria possível relacionar a temática trabalhada com a vivência bem próxima de cada um, ou seja, vivenciar o próprio espaço local.

Corrêa apud Matheus (2005, p.31) destaca a seguinte afirmativa sobre a atividade de campo: “Constitui-se em uma tradição cuja importância é reconhecida por todos e muito especialmente, por aqueles que têm na paisagem natural ou cultural a objetivação da geografia”. No Brasil temos uma diversidade de paisagens naturais, um espaço geográfico bastante diversificado, em que, muitas vezes, os alunos só conhecem através dos livros didáticos, pela televisão e pela internet, além disso, a maioria dos livros didáticos é escrita por autores da região Sudeste e de locais intensamente urbanizados e costumam retratar realidades muito diferentes das dos alunos do Nordeste, sobretudo do interior.

A escolha deste tema surgiu a partir de alguns questionamentos, primeiramente, é importante para sabermos como funciona o ensino de Geografia dentro da sala de aula. Mas, na verdade, ao falar de aula de campo destaco alguns registros de uma experiência vivenciada enquanto aluna do Ensino Fundamental II em 2006. Durante as aulas de Geografia o livro

didático foi a ferramenta mais utilizada durante as aulas. Porém, mesmo com poucos recursos o professor sempre estava buscando fazer de suas aulas inovadoras e bem reflexivas.

A aula de campo nessa época era algo pouco comum, mas o docente sempre trouxe assuntos da atualidade para debater em aula. No entanto, este professor de Geografia realizava todos finais de ano uma viagem com os alunos do 9º ano, última turma do Ensino Fundamental II. Não era apenas um passeio sem nenhuma aprendizagem, ele planejava um percurso pelo local procurando mostrar para seus alunos algum aprendizado e conhecimento ocorrido ao longo do ano. Esta prática foi tão marcante que me impulsionou escolher a Geografia como curso de graduação.

A metodologia proposta para este trabalho foi dividida em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica realizou-se a partir de livros, artigos científicos e pesquisa a *sites* pela internet, que desenvolveram estudos sobre a temática do ensino de Geografia. Depois a Escola Estadual professor Joaquim Torres foi selecionada para realizar a aula de campo, buscando conhecer as práticas dos docentes e dos dois professores de Geografia, como também, escolher uma dessas turmas para realizar em conjunto uma aula de campo, servindo-se da estrutura municipal e sua efetivação.

A pesquisa de campo consistiu em aplicar questionários aos professores de Geografia. Depois foi selecionada a turma para esta atividade e a ela foi aplicado um questionário com perguntas abertas e fechadas que possam mostrar o que eles pensam sobre essa prática em Geografia e foi realizada uma aula de campo com uma turma do turno da noite. No transcorrer da prática foram realizadas questões sobre o objetivo da aula. A metodologia inicial envolvia uma aula com deslocamento para fora da cidade e realizar um percurso que envolvesse vários assuntos da Geografia. Este propósito teve que ser alterado em decorrência de dificuldades que serão relatadas no decorrer deste trabalho. Ao fim, são colhidos os depoimentos e feita uma análise das impressões destas pessoas referente à aula apresentada.

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a aula de campo, analisando como a instituição de ensino objeto dessa pesquisa e os docentes em Geografia compreendem a aula de campo, questionando se realmente este método de ensino é considerado importante. Busca-se também saber por que os professores, principalmente alguns de Geografia não fazem aula de campo e assim compreender quais os verdadeiros impedimentos para o não uso desta metodologia de ensino, já que incentiva e favorece uma melhor forma de explorar o ensino de Geografia e permite a relação entre a teoria e a prática, com atividades extraclasse. Compreende-se assim, que uma aula de campo pode fazer a diferença para aqueles alunos e alunas e por isso é importante saber como o professor deve agir nesta metodologia. Aceita-se

neste trabalho que a aula de campo como uma metodologia de ensino imprescindível para o conhecimento em Geografia.

Com esta finalidade um percurso será seguido em que se pretende comparar a disciplina escolar e a transposição didática. Em seguida será localizado o surgimento da Geografia como disciplina, enfatizando quando esta passou a ser de fato considerada disciplina. Na mesma linha de pensamento serão ponderados aspectos sobre alguns dos métodos de ensino dentro da sala de aula para além do livro didático. Outras medidas para este estudo é realizar uma breve caracterização da cidade de Serra de São Bento/RN e da Escola Estadual Professor Joaquim Torres, e por fim, será relatada a prática, juntamente com uma turma desta instituição de ensino que participou de uma aula de campo para fazermos juntos uma análise da dinâmica urbana desta localidade.

Portanto, pode-se afirmar que para uma realização de uma simples saída a campo se encontram algumas dificuldades e serão relatadas todas as etapas, do início ao fim para a efetivação desta prática. Adianta-se que os docentes, independentes das disciplinas não têm o hábito de trabalhar a aula de campo como um método de ensino e essa foi a principal dificuldade encontrada. Nesta instituição há dois professores formados em Geografia, porém, um sempre busca ir a campo com suas turmas o outro por não morar no local, relatou que fazer uma aula fora da escola era um grande desafio.

2 O QUE É UMA DISCIPLINA ESCOLAR

Ao questionar de fato o que vem a ser disciplina, principalmente quando nos referimos dentro de uma instituição de ensino, logo nos vem em mente o comportamento daqueles grupos de pessoas, a maneira de agir e se comportar. No entanto, como destaca Pessoa (2007, p. 21) “A palavra disciplina no sentido que se emprega o termo, tal como se conhece hoje, é uma criação que tem ainda pouco tempo de existência.” É um tema discutido ainda na atualidade e não se tem uma conclusão específica do seu real significado.

Na realidade, essa nova acepção da palavra é trazida por uma larga corrente de pensamento pedagógico que se manifesta, na segunda metade do século XIX, em estreita ligação com a renovação das finalidades do ensino secundário e do ensino primário. Ela faz par com o verbo disciplinar, e se propaga primeiro como um sinônimo de ginástica intelectual, no conceito recentemente introduzido no debate. [...] Logo após a I Guerra Mundial, enfim o termo “disciplina” vai perder a força que o caracterizava até então. Torna-se uma pura e simples rubrica que classifica as matérias de ensino, fora de qualquer referência às exigências da formação do espírito (CHERVEL, 1990, p.179-180).

Entende-se por disciplina assim como está destacado no Miniaurélio, dicionário de português, Ferreira (2001, p.239) “Matéria de ensino”, ao analisar este conceito podemos questionar se matéria e disciplina tem seus mesmos significados. No entanto, é uma discussão que tem gerado determinadas discordâncias, alguns autores alegam destacando uma visão mais abrangente deste tema, Pessoa (2007, p.23), por exemplo, enfatiza seu seguinte pensamento: “As discordâncias, que ainda se fazem presentes nas investigações sobre a compreensão do que vem a ser disciplina escolar tem como fundamento as idéias e propostas divulgadas no decurso dos anos 1980”. Na verdade, tanto a matéria escolar, como também, a disciplina apresentam características distintas, assim Forquin esclarece seu ponto de vista.

Atualmente os dois termos “disciplina” e “matéria escolar” são com frequência utilizados indiferentemente, com, entretanto, uma nuance de sentido: o termo “matéria” é mais neutro, mais popular, mais “escolar” e mais “primário”, enquanto o termo “disciplina” se aplica mais aos níveis superiores dos cursos e implica sempre uma idéia de exercício intelectual e de formação do espírito. (FORQUIN apud BITTENCOURT apud PESSOA, 2007, p.22).

Na verdade o que a transposição didática esclarece com relação à disciplina escolar, é que ela tem sido considerada importante no fato de que o professor ao ter conhecimento de uma linguagem em nível superior, ele pode modificar deixando uma maneira mais “simples” com seus alunos. Mesmo assim, este é um tema complexo, como destaca Pessoa (2007, p.24) “A noção de disciplina escolar como transposição didática é, no entanto, polêmica e tem gerado críticas”. Bittencourt faz uma breve análise desta polêmica, assim destaca:

Uma delas é de conceber o saber erudito ou científico como uma forma de conhecimento descontextualizado do seu processo histórico de criação a acentuar a hierarquização de saberes como base para a constituição de conhecimentos para a sociedade. (BITTENCOURT apud PESSOA, 2007, p. 24).

Portanto ao identificar e distinguir as duas correntes acredita-se que a disciplina escolar é uma transposição didática, como também, ela é um conhecimento autônomo. Primeiramente, ela pode ser trabalhada dentro da sala de aula transmitindo conteúdos científicos, voltados numa linguagem mais simples, menos contextualizada na cientificidade. Mas cabe à escola formar seus alunos com suas particularidades originais, preparando-os para serem críticos e construir suas próprias opiniões. Chevallard nos deixa o seguinte esclarecimento.

Por transposição didática, entende-se o conjunto de transformações que sofre o saber científico, antes de ser ensinado. Da escolha do saber a ensinar à sua adaptação ao sistema didático, existe todo um processo gerador de deformações, de estabelecimento de coerência e até de criação de novos conhecimentos, que culmina com o que se chama de saber escolar, enunciado nos programas e, particularmente, observáveis nos livros-texto. (CHEVALLARD apud JUNIOR; GALVÃO, 2005, p. 399).

Por fim, se formos analisar a autonomia da disciplina escolar se poderia chegar a uma conclusão que ela pode ser sim autônoma e contribuir com a formação de cidadãos, preparando-os para compreender as divergências que a nossa sociedade comporta.

2.1 SURGIMENTO DA GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA

A história da geografia escolar brasileira, tem sido sistematicamente relegada a segundo plano pela comunidade acadêmica, a mesma comunidade que tem buscado amiúde intervir nos rumos ao ensino desta disciplina, com um claro intuito de sanar os problemas por ela apresentados, sem porém, buscar a fundo desvelar as origens destes problemas. Até mesmo os(as) próprios(as) educadores(as) que atuam com o ensino desta disciplinas, pouquíssimo têm se preocupado com essa questão. É como se esta disciplina (bem como as demais) não fossem dotada de história. (ROCHA, 1998, p. 02).

Compreende-se que no decorrer de todo este desenvolvimento, a Geografia passa a ser uma matéria escolar básica de ensino. Buscando transmitir apenas o que é considerável essencial para o aprendizado do cotidiano, noções básicas e simples.

A disciplina de Geografia a um determinado tempo já se faz presente nos currículos da escola brasileira mesmo antes da criação de cursos de Geografia no século XX. Em 1930 ela se institucionaliza como disciplina científica voltada basicamente para as universidades e consigo desenvolve pesquisas mais detalhada sobre alguns conceitos consideráveis para esta disciplina. Assim afirma Dantas; Medeiros.

É a partir da Criação da universidade de São Paulo e especialmente de sua faculdade de filosofia, Ciências e Letras, logo, seguida pela criação da Universidade do Rio de Janeiro e pela fundação do AGB, sob a égide de Pierre Deffontaines, que se iniciou o processo de institucionalização da Geografia científica no Brasil. (DANTAS; MEDEIROS, 2008, p. 03).

Sabemos que a disciplina Geografia passou por etapas significantes em seu contexto histórico. Conforme Silva (2003, p.09) “A institucionalização da Geografia nas escolas públicas foi originada pela necessidade da burguesia em conquistar a sua hegemonia”, através do esforço de implantar o nacionalismo patriótico e consolidar o Estado Nacional Brasileiro. Desde modo, a educação passou por algumas mudanças, mas ainda continua limitada ao seu ensino tradicional. Percebemos que dentro da sala de aula a Geografia pode e deve transmitir

ensinamentos bastante significativos, tanto na Educação Infantil, desde representações da paisagem através de desenhos, observações do espaço a partir de um passeio, como também, apresentações de lugares, territórios e regiões no Ensino Fundamental I e II.

Pessoa (2007, p.31) relata o desenvolvimento e surgimento da Geografia como disciplina:

Durante os mais de duzentos anos de monopólio da educação jesuítica no Brasil a geografia não teve vez e nem voz nas escolas enquanto disciplina escolar. O ensino dos conhecimentos geográficos eram secundarizados no currículo subsistente. Não existiam, também, cursos de formação de professores (as) para atuar com o ensinamento destes saberes. Os conhecimentos geográficos, embora de grande interesse do Estado, eram até então pouco propagados nas salas de aulas. (PESSOA, 2007, p. 31).

Este foi, portanto, o ensino de Geografia trazido pelos jesuítas para o Brasil e incorporado ao sistema escolar em sua época. Percebe-se que os jesuítas não colocaram a Geografia como uma disciplina individual, então, esta se tornou uma matéria com nenhum significado, além disso, durante este período, não existia formações para os professores em relação ao ensino desta disciplina. A formação de professores para ensino de Geografia só ocorrerá de forma específica no Brasil na década de 1930.

No entanto, podemos afirmar que este momento fez com que a Geografia transmitida e ensinada não tivesse importância que se tem nos dias atuais, assim como afirma Pessoa (2007, p. 33): “A Geografia ensinada e produzida em terras brasileiras por longos anos, ficaria reduzida e limitada ao caráter enciclopédico, enumerativo e descritivo sem nenhum espírito.”

Compreende-se que a sua trajetória para então surgir definitivamente como disciplina ocorreu de forma bem relevante. Silva (2003, p.01) enfatiza que “Os primeiros relatos que se têm sobre a Geografia, advém da Grécia Antiga, onde a mesma era utilizada, sobretudo pelos que procuravam associar às características do meio ambiente às atividades das pessoas e das diversas sociedades”, porém o interesse não era pueril, mas também no intuito de conhecer terras a se conquistar. Este autor, em sua obra “A prática pedagógica do professor de Geografia e o interesse dos educandos pela disciplina escolar”, relata que os grandes navegadores, em suas viagens, faziam as descrições geográficas das paisagens, que não era apenas um esforço literário, mas para relatar as riquezas potenciais desses lugares, eram os inventários de viagem. Já sobre a trajetória da Geografia no Brasil, ele destaca que:

No Brasil a Geografia começou conquistar seu espaço após a revolução de trinta, quando as transformações de ordem socioeconômica tornaram mais visíveis. Sendo que a mesma começa a trilhar sua longa trajetória a qual neste primeiro momento foi bastante influenciada pelos franceses. Já na década de 70, ela segue os movimentos

de renovação, intensificados por renomáveis geógrafos como Milton Santos e Antônio Carlos Robert Morais os quais propagam ideologias novas. (SILVA, 2003, p. 01).

Assim, afirma Pessoa (2007, p.17) “A presença da Geografia como disciplinas nos currículos das escolas brasileiras não se caracteriza um dado “natural” ou comum a toda a história da educação”. E as políticas públicas têm sim suas contribuições para o desenvolvimento do ensino básico, de acordo com Kimura (2008, p.43) “os professores críticos da educação costumam afirmar, com grande razão, que as políticas públicas são, na maior parte das vezes, as grandes responsáveis pela situação existente em muitas escolas públicas do país”.

Embora a ineficácia ou ineficiência de algumas políticas públicas acabem agravando problemas, não se pode condená-las, pois são através delas que ocorrem as mudanças. A questão que pode prejudicar os efeitos de uma política educacional é a ausência de processos democráticos em sua implementação. Falta de professores e estruturas são uns dos exemplos que contribuem para que o nosso ensino básico não funcione de uma maneira efetiva, ou seja, não foram atendidas as solicitações e indicações para adequar a educação às demandas sociais.

Quando nos referimos a novas ideologias é claro que devemos logo de início pensar que a Geografia deixa o ensino tradicional baseado apenas nas descrições dos viajantes e torna-se algo renovador principalmente dentro da sala de aula. Porém, a realidade se apresenta de outra forma. Primeiramente, devemos questionar o verdadeiro motivo pelo qual esta disciplina, a um bom tempo, vem se configurando como algo monótono e cansativo para seus alunos. Reclus e Kropotkin, enfatiza que:

O professor pede ao aluno um ato de fé, pronunciando além disso em termos cujos sentidos não domina; recita prontamente os nomes dos cinco rios da França, de três cabos, de dois golfos e um estreito; sem referir esses nomes a nenhuma realidade precisa. (RECLUS e KROPOTKIN, 2011, p. 16)

Esta é a realidade na qual a disciplina curricular Geografia, há um bom tempo, se destaca. Nesse sentido, é necessário que o professor de Geografia compreenda definitivamente o porquê destes problemas. O que observamos quando nos deparamos com a realidade que o sistema educacional nos apresenta dentro das salas de aula, que são inúmeras situações negativas, falta de professores, recursos didáticos precários, dentre outros problemas existentes. Hoje o que o sistema educacional oferece aos docentes, para poderem trabalhar com seus alunos? Existem políticas públicas que buscam estimular o professor na instituição

de ensino? Como os discentes relatam a disciplina geográfica? Essas são algumas indagações onde deve haver mudanças que contribuam para a realidade apresentada.

2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS METODOLOGIAS DE ENSINO

Dentro da sala de aula o professor tem sua principal ferramenta de trabalho, o livro didático. É o recurso mais disponível e acessível por todos, assim Stefanello apud Calado (2012, p. 16) destaca: “[...] o livro didático é, sem dúvida, instrumento indispensável para o ensino, não como mero objetivo de levar informações ao aluno, mas por ser uma ferramenta no processo de construção do conhecimento”. Com este recurso, o docente pode trabalhar de várias maneiras, fazer com que seus alunos analisem uma determinada imagem e explore uma visão geográfica trazendo para a realidade vivida.

Na verdade, o livro didático é o recurso mais importante que o professor se fundamenta para as realizações de suas aulas. Como também, é o recurso acessível para os alunos dentro da sala de aula, Calado (2012, p. 16) apresenta seu ponto de vista sobre a importância desta ferramenta:

O livro didático não pode ser considerado um recurso descartável, levando-se em conta, as estratégias metodológicas que devem ser usadas para trabalhar com esse recurso, pois, este ainda é o meio, em muitas escolas, mais viável e mais acessível aos alunos.

Além do livro existem outras maneiras de se trabalhar a Geografia, por exemplo, temos os recursos tecnológicos, mas é importante destacar que ainda hoje existem algumas escolas sem estes recursos de ensino. Instituições sem laboratório de computação e internet, data-show e entre outros, porém, quando as tem disponível não são utilizadas, assim enfatiza Calado:

Apesar de as escolas gradualmente serem abertas para as novas tecnologias (atualmente quase todas as escolas já têm laboratórios de informática, TV, DVD players, parabólicas, etc.) o que se observa é que o uso adequado das novas tecnologias não ocorre, o que prova que simplesmente disponibilizar essas tecnologias na escola não é suficiente. (CALADO, 2012, p.13).

As escolas têm além dos livros didáticos outros meios de se trabalhar dentro da sala de aula, entre esses, os recursos tecnológicos em pleno século XXI são os mais acessíveis por todos. O professor pode utilizar filmes com contexto histórico ou na realidade e ficção, fazer com que seus alunos sejam estimulados a compreender e interpretar outras visões. Mas é muito importante que o docente conheça de fato a história, as cenas que este filme ou um

documentário possuem, pois estão trabalhando com jovens na sua formação de ideias e opiniões. Stefanello apud Calado (2012, p.19) faz esta breve reflexão: “[...] quando utilizamos filmes como recursos metodológicos precisamos verificar que tipos de imagens eles contêm, no sentido de atentar a que informações elas se referem”.

O autor enfatiza outros meios de se trabalhar dentro da sala de aula com seus alunos, abordando sobre a utilização de imagens e da música:

As imagens são importantes recursos metodológicos para que os alunos, principalmente das séries iniciais do ensino fundamental, consigam atribuir sentido ao aprendizado dos conteúdos de geografia. Podemos mostrar fotografias, ilustrações, figuras até mesmo do livro didático, imagens de mapas, gráficos, tabelas etc. [...] A utilização da música é uma ferramenta importante também, pois, esse recurso ajuda o professor a dinamizar seu trabalho, fazendo das aulas um momento prazeroso para ele e os educandos. Assim podemos trabalhar letras de música que abordam questões como a regionalização do espaço e suas riquezas regionais entre outros, de acordo com o nível de aprendizagem das séries relativas ao ensino fundamental. (CALADO, 2012, p.19).

Portanto os recursos didáticos são considerados importantes, estes complementam a base do conhecimento do professor, auxiliando e orientando maneiras de se trabalhar com seus alunos. Mas cabe ao docente saber fazer um bom uso destes métodos, utilizá-lo da melhor maneira possível.

2.3 A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA PARA O DOCENTE E O DISCENTE

É fato que o recurso didático mais utilizado para se ensinar a Geografia, como também, em outras disciplinas é, principalmente, através da utilização do livro didático como anteriormente relatado. Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1998, p.26) enfatizam que “A Geografia é uma área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações”. Então, esta disciplina busca dentro da escola e principalmente na sala de aula, mostrar para seus alunos a importância social que esta ciência representa para a nossa sociedade.

Cavalcanti (2008, p.43) avalia que “A educação geográfica, por sua vez, realizada com os conhecimentos da geografia escolar, leva em conta que os interesses, as atitudes e as necessidades sociais e individuais dos alunos mudam em decorrência dessa nova realidade espacial”. Portanto, é preciso conhecer o espaço vivido, mas precisamente entender os conteúdos em nível global para poder compreender determinados assuntos em sua localidade.

A Geografia vem se apresentando como uma disciplina escolar que apenas preenche um componente nos planos curriculares das instituições de ensino. Poderia ser diferente, pois

compreendemos que seus conteúdos são relevantes para a sociedade em diferentes âmbitos como a demografia, a economia, como também, para o conhecimento da natureza, relevo, o clima e entre outros. Assim, afirma Cavalcanti (2008, p.46), “a geografia é um campo do conhecimento científico que desde sempre se constituiu com base na multidimensionalidade, já que buscou compreender as relações que se estabelecem entre o homem e o mundo natural”.

Os PCNs (1997, p. 109) inscrevem que a disciplina Geografia estuda “as relações entre o processo histórico que regula a formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza, por meio da leitura do espaço geográfico e da paisagem”. Estas duas divisões buscam analisar e compreender a importância que tanto o docente, como também, o discente devem ter. Entendemos que o aluno ao conhecer e analisar de forma crítica o espaço onde vive, passa a compreender a sua importância para a sociedade. É preciso que sejam demonstrados conhecimentos essenciais e significativos para a sua vida. Cavalcanti (2008) destaca que:

O ensino é um processo dinâmico que envolve três elementos fundamentais: o aluno, o professor e a matéria. Os três elementos estão interligados, são ativos e participativos, sendo que a ação de um deles influencia a ação dos outros. O aluno é sujeito ativo que entra no processo de ensino e aprendizagem com sua “bagagem” intelectual, afetiva e social, e é com essa bagagem que ele conta para seguir no seu processo de construção; o professor, também sujeito ativo no processo, tem o papel de mediar as relações do aluno com os objetos de conhecimento; a geografia escolar é considerada no processo como uma das mediações importantes para a relação dos alunos com a realidade (CAVALCANTI, 2008, p. 48).

São três elementos bastante inescapáveis, tendo em vista a dependência um do outro, pois enfatizamos aqui que é através da disciplina escolar que o docente busca suas mediações e transmitir conhecimentos essenciais e significativos para todos seus alunos. De acordo com Cavalcanti (2008, p. 60) “[...] salienta-se hoje a necessidade de formação contínua de todo e qualquer profissional, o que vale, certamente, com muita propriedade para o professor.” Porém devemos questionar e analisar sobre como a Geografia é representada para o docente e o discente. Será que o discente compreende esta disciplina bem próxima cotidianamente ao seu convívio social, como também, pessoal? Sobre isso, Motta (2003, p. 95) destaca:

A Geografia considera tudo. É uma ciência que permite explicar o que acontece, porque o espaço está assim organizado. Estuda o espaço sem preconceitos com as diferentes categorias – o espaço da aventura, o espaço da doença, o espaço da solidariedade ou do oportunismo da inclusão ou da exclusão: dos bolsiros, dos pobres, dos professores, dos políticos. E, ao interpretar tudo isso, cria marcas, reconhecidas, porque, se a Geografia é uma ciência parcial, com

certeza, também, não é neutra. É uma ciência compromissada com o mundo. (MOTTA, 2003, p.95).

O professor considerado como um agente transformador de opiniões, busca transmitir para seus alunos, que a Geografia é potencialmente reveladora de aspectos na qual nem sempre são abordados em outros campos. Porém, devemos nos questionar se esta prática de fato é realizada ou se apenas fica na teoria. O professor não pode ficar restrito aos temas que o livro didático tem disponível, ensinar seus alunos a memorizar conteúdos, ele como idealizador daquele grupo de estudantes tem como principal foco, fazer deles pessoas altamente reflexivas com a realidade que a própria sociedade apresenta.

Existem vários questionamentos sobre como a qualidade de ensino hoje se comporta, primeiramente, uma boa parte dos docentes principalmente os que lecionam a disciplina de Geografia, são formados nesta área, fizeram graduação, uma especialização, ou seja, para a sociedade eles estão aptos a realizarem sua profissão.

Acredita-se que os cursos de graduação em licenciatura têm suas contribuições consideradas essenciais para os futuros profissionais, então, quais seriam suas fundamentações teóricas e práticas que contribuam para capacitar um bom profissional? Todo professor para ser considerado um bom profissional deve apresentar uma boa graduação em sua área? São pontos relevantes onde busca avaliar a verdadeira importância do ensino básico, que a sociedade muitas vezes sem o conhecimento científico julga.

Motta (2003, p.128) destaca como podemos caracterizar os professores desta matéria, afirmando que “Os professores mal preparados, ou, em alguns casos, até relapsos, eram designados para essas disciplinas”. Ou seja, os responsáveis por esta disciplina são considerados profissionais incapacitados, porém, jamais podemos generalizar, pois existem aqueles que buscam revolucionar seu ensino.

O autor citado mostra uma visão crítica, afirmando que os profissionais desta área de ensino eram pessoas mal preparadas, muitos deles nem tinham formação nesta área. Se formos questionar isto hoje, existem sim professores que lecionam outras disciplinas sem ser a sua área de formação.

2.4 A GEOGRAFIA E A PRÁTICA DA AULA DE CAMPO

A ciência geográfica brasileira através de sua história contemporânea consolida-se em termos teóricos, metodológicos e práticos, na procura de um conhecimento e análise as diversas interfaces entre a natureza e a sociedade, havendo a necessidade de buscar e compreender as múltiplas realidades espaciais naturais e humanas não

fragmentadas de nosso território, mas como uma totalidade em constante dinamismo. (VIADANA; CAVALCANTI, 2011, p. 02).

Por isso, é importante apresentar que tanto a escola como o professor, tem suas fundamentações consideradas essenciais para o desenvolvimento do nosso sistema educacional. Assim afirma Kimura (2008, p. 55) “[...] o papel específico da escola e do professor deve ser compreendido no conjunto dos papéis dos agentes educacionais”. Estes devem mostrar diversas realidades, que a própria sociedade hoje nos contradiz.

Os alunos são preparados para serem agentes transformadores, agirem corretamente, conscientemente, enfim, sabemos que o papel da escola é de mostrar diversas situações na qual hoje o mundo nos apresenta. Conforme Kimura (2008, p. 72) “[...] a escola tem um papel relevante de intervenção na ordem existente na sociedade, uma vez que o ser humano é dotado de uma condição ativa”. E repassar dentro da sala de aula, ensinamentos significativos, Kimura afirma ainda que o professor, acima de tudo, deve ser um pensador, um pesquisador, um educador, que pode mostrar para seus alunos uma visão mais abrangente do mundo, um conhecimento onde muitas vezes consideramos desconhecidas.

Compreende-se que os discentes necessitam uma formação que favoreça um olhar crítico sobre tudo que os cercam. Na verdade, hoje há uma necessidade de sermos tanto reflexivos, como também, críticos, mas nem sempre se age sobre esses pilares sem ocorrer resistência de estruturas arcaicas que se tornam algumas comunidades escolares e até mesmo pais e mães. Dentro da sala de aula não pode ser diferente, o docente deve estimular o aluno sobre esta prática reflexiva e crítica. Assim, afirma Viadana; Cavalcanti (2011, p. 05): “Tendo por finalidade a pesquisa geográfica original e devendo possuir seus próprios métodos, pois cabe ao professor ensinar como se trabalha em campo para chegar à descoberta das relações entre os fatos e as novas interpretações da Geografia.”

Então, o professor é considerado o mediador, onde pode mostrar para seus alunos algumas descobertas consideradas essenciais, tanto para seu convívio pessoal, profissional, enfim, é uma metodologia que a disciplina da Geografia deve usar e fazer dela uma boa utilidade. Viadana; Cavalcanti (2011, p.12) afirmam que: “[...] considerado e valorizado como importante instrumento para o desenvolvimento do conhecimento geográfico, a pesquisa prática faz com que o processo de observação se revista de real significado para o geógrafo.” É na prática que podemos aprender tirar dúvidas que muitas vezes ficam sem ser compreendida, pode-se afirmar que um trabalho de campo contribui muito para o desenvolvimento de um pesquisador.

Conforme Viadana; Cavalcanti (2011, p. 10) “[...] denomina-se então campo, o local, área ou região, onde o pesquisador procura a observação, registro, descrição e explicação dos fatos ou fenômenos geográficos.” A Geografia é uma área onde apresenta conteúdos multidisciplinares, pode ser trabalhada praticamente em qualquer local, deste que enfatize conteúdos referentes a esta disciplina. O professor pode descrever um fato e até mesmo sair em uma determinada localidade e levá-los para uma observação mais detalhada, consideramos que uma simples saída pode ajudar a compreender determinados fatos, caracterizamos como uma contribuição de fundamental importância para esta disciplina.

3. A PRÁTICA VIVÊNCIA: RELATOS E EXPERIÊNCIAS DE UMA SAÍDA A CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

3.1 - CARACTERIZAÇÃO DA CIDADE DE SERRA DE SÃO BENTO/RN

Localizada no estado do Rio Grande do Norte, Serra de São Bento totaliza segundo o último censo realizado 5.743 habitantes, dados do IBGE (2010). É uma cidade pequena e hoje a sua economia é baseada nas indústrias têxtil. Existe em nosso município atualmente 4 confecções, elas são consideradas o maior suporte com relação ao desenvolvimento de empregos.

Conforme Melo (2014, p. 06): “O município esta a uma distância de aproximadamente 109 km da capital Natal/RN e tem limites ao Norte São José do Campestre, ao Sul – Paraíba, a Leste com as cidades de Passa e Fica e Lagoa D’antas e a Oeste com Monte das Gameleiras”.

Com relação ao histórico do município ele foi elevado distrito, sendo do município de Goianinha no ano de 1843. Mas foi exatamente, assim está registrado no site do IBGE, no dia 15 de março de 1868 que se tornou de fato município. Portanto, Serra de São Bento/RN hoje tem um contexto histórico significativo muito importante.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOAQUIM TORRES

A instituição de ensino Escola Estadual Professor Joaquim Torres, localiza-se no centro da cidade de Serra de São Bento/RN. Na Av. Fausto Mariano das Neves, s/n – CEP 59.214.000. O nível de ensino que oferece são os seguintes: Ensino Fundamental anos finais,

Ensino Médio e EJA (anos finais do Ensino Fundamental). Período que foi registrada (reconhecida pelo CEE): Decreto nº 8.852 de 19/01/84 – diário Oficial nº 5.739.

Conforme o relato do atual diretor desta instituição de ensino, Joaquim Torres é em homenagem a um médico que residia na capital Natal/RN, portanto, sempre os políticos da cidade colocavam nos prédios públicos nomes de pessoas que tivessem alguma relação com a população, mas que não foi especificada pelos gestores.

Esta escola possui 7 salas de aula, o piso é todo em cerâmica, paredes, portas e janelas todas de cor clara. Ao observamos, podemos constar que é uma instituição bem conservada, funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno. Esta é a escola com o maior número de estudantes deste município recebendo estudantes da zona rural e urbana. A foto 1 mostra o principal bloco desta instituição onde fica localizada a direção e algumas salas de aula, este registro fotográfico foi realizado pela a própria autora, no dia que obteve uma conversa formal com o diretor.

Foto 1: Principal bloco da Escola Estadual Professor Joaquim Torres



Fonte: Autora, Outubro, 2016.

Não há sala de apoio para serem realizadas reuniões e outros compromissos pedagógicos. Por trás da escola existe um espaço amplo que poderia ser aproveitado para a construção de novas salas de aula ou até mesmo uma área de esporte. Há banheiro feminino e masculino localizados no bloco de cima com acessibilidade, estes são utilidade dos alunos. O banheiro dos professores fica na parte de baixo, há um bebedouro com 5 torneiras localizado

no pátio coberto próximo à cantina (cozinha), a caixa d'água é de alvenaria localizada no telhado do prédio e possui uma cisterna localizada bem próximo a cozinha.

Há uma biblioteca funcionando em uma sala adaptada, mas sem bibliotecário. Também não há auditório e assistência psicológica e social. São cinco servidores auxiliares de secretaria, quatro deles tem Ensino Médio e um com nível Superior e pós-graduação. No total são 16 professores, sendo 2 de Geografia, tem apenas 1 coordenadora pedagógica, trabalhando no turno matutino. A direção sempre convida os servidores da saúde e os conselheiros tutelares para realizarem palestras. Todo ano letivo ocorre à semana cultural, entre outubro e novembro. A direção afirmou que dá total apoio para o professor realizar aulas de campo.

Ao analisar esta comunidade escolar, percebeu-se que os horários matutino e vespertino têm respectivamente 50 minutos por aula. O turno noturno são 40 minutos, então foi questionado se os alunos da noite eram prejudicados, a direção afirmou que não, já que os professores deste turno elaboram um projeto para trabalharem tanto na sala de aula, como também, fora dela.

3.3 RELATO DE CAMPO: A IMPORTÂNCIA DE UMA AULA PRÁTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Conforme Falcão e Pereira (2009, p. 04) “[...] o espaço geográfico está em constantes transformações,” principalmente quando enfatizamos o ensino da Geografia isso é uma de nossas obrigações enfatizar. O aluno, ao vivenciar e analisar seu espaço, com certeza, será mais crítico no desenvolvimento de suas observações. Primeiramente, hoje a escola deve preparar seus alunos a serem mais reflexivos e compreensivos com os obstáculos que a própria sociedade nos impõe, mas tal capacidade reflexiva precisa de um ambiente democrático que comporte esta tarefa e não a reprima. Realmente, este é uns dos deveres da instituição de ensino, como também, direitos dos alunos a entender seu próprio espaço. E sobre o espaço geográfico, Milton Santos (1988) destaca o seguinte:

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certos arranjos de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social (SANTOS, 1988, p. 10).

Para a realização de uma simples ida a campo, existe um roteiro a ser seguido. Por ter presenciado este momento durante o período colegial, principalmente no Ensino Fundamental II, é percebido que tanto o professor(a) juntamente com o diretor(a), e principalmente os alunos, são envolvidos nesse processo de desenvolvimento. Nesse sentido, afirma Falcão e Pereira (2009, p.10) “O campo se refere à ida dos alunos ao(s) local(is) que foi(ram) previamente planejado(s) e agendado(s) pela equipe pedagógica envolvida na atividade.”

Então, é no campo que o aluno coloca em prática o que ele aprendeu dentro da sala de aula, com a ajuda do professor(a). Assim, afirma Matheus (2005, p. 52) “O conhecimento pode ser proporcionado pelo experienciado, inserido num processo de reflexão, não como um objeto puro, mas visto e percebido por nós.” O educador deve motivar o aluno, para que ele perceba como sujeito ativo nas mudanças vivenciadas.

De acordo com Matheus (2005, p. 56): “[...] ele vai partilhar com diferentes membros de um grupo social os seus signos, fortalecendo suas relações interpessoais com membros, muitas vezes, de outra cultura, gerando assim uma interação social que propicie um novo resignificar.” Então, na escola o discente pode entender que ele pertence a uma sociedade multicultural e esta percepção pode ser estabelecida a um simples roteiro fora da instituição de ensino.

Quando desejamos compreender a localidade próxima da escola, jamais podemos enfatizá-la como uma simples saída na rua, pois durante o processo de ensino e aprendizagem, o aluno compreende como ele deve agir no espaço corretamente. E dentro da sala de aula, também existem diversas metodologias que o professor(a) deve trazer para seus alunos, uma compreensão do espaço geográfico, sendo este concebido e vivido, compreendendo o lugar e o mundo através da teoria e da prática. Assim descrevem Oliveira; Assis (2009):

Instiga à aula em campo, antes de tudo, compreender as diferenciações entre as paisagens dos livros didáticos e as paisagens vivenciadas *in loco*. Estas são movidas e vivificadas pela relação dos alunos com as configurações óticas apreciadas sem recortes (OLIVEIRA; ASSIS, 2009, p. 198).

Diversos questionamentos sobre o sistema educacional ainda hoje são argumentados, principalmente em relação a como o ensino de Geografia se coloca diante dos alunos e, também, da sociedade. O principal papel que a escola deve transmitir é que este espaço seja um momento de ensinamentos e aprendizagens, de forma que eles reflitam e transformem sua realidade.

Em minha experiência escolar em 2006 tive a oportunidade de participar de uma aula de campo, como aluna do Ensino Fundamental II, da turma do 9º ano, que em minha opinião

foi uma aula maravilhosa. Essa experiência me permitiu conhecer outra localidade, ver a vegetação e outros assuntos da própria disciplina de Geografia. Como também, durante o percurso da viagem para chegarmos ao local que foi planejado por este professor, ele sempre buscava relatar para a turma assuntos que envolvesse principalmente a vegetação.

Tudo isso aconteceu no dia 08 de dezembro do ano de 2006, os destinos foram Apodi/RN e Martins/RN, todas localizadas no estado do Rio Grande do Norte. Até hoje se me deparo com esses colegas comentamos sobre este dia. Foi um momento que deixou grandes aprendizados e conhecimentos. Na cidade de Martins/RN os alunos puderam conhecer o clima serrano, conhecer alguns prédios históricos, ver a vegetação e principalmente apreciar o mirante, que a noite a população e os visitantes podiam ver algumas cidades vizinhas, vale ressaltar que foi a primeira vez de todos nesta cidade, já em Apodi/RN visitamos o Lajedo de Soledade, um local também muito bonito e podemos aprender um pouco sobre os estudos das rochas e sua formação.

Abaixo segue algumas fotografias registradas pelo o próprio professor de Geografia, o idealizador desta viagem. A foto 2 foi em Apodi, no Lajedo de Soledade nesta localidade realizou-se um percurso juntamente com um guia, em que ele mostrou as formações de algumas rochas , a foto 3 foi em Martins em frente à principal igreja da cidade, por dentro é muito bonita, chegamos meio tarde nesta cidade, no entanto, encontramos alguns locais fechado e por fim, a foto 4 foi retirada dentro de uma pousada da cidade de Martins.

Foto 2: Lajedo de Soledade, em Apodi/RN



Fonte: SANTOS, Marcos Aurélio Malaquias dos, Dezembro, 2006.

Foto 3: Igreja matriz da cidade de Martins/RN.



Fonte: SANTOS, Marcos Aurélio Malaquias dos, Dezembro, 2006.

Foto 4: Pousada da cidade de Martins/RN



Fonte: SANTOS, Marcos Aurélio Malaquias dos, Dezembro, 2006.

No entanto, o docente tem em mãos várias metodologias que podem ser utilizadas dentro da sala de aula, como também, fora dela. Primeiramente o conteúdo teórico tem que ser abordado por todos os alunos. Então, a utilização do livro didático, data-show, vídeos e entre outros, são recursos didáticos muito importantes que devem ser utilizados em sua extensão de recursos e não apenas como reprodução do passado ou mera substituição da lousa. Falando de aulas teóricas devemos destacar a aula prática, que foi objeto de estudo deste trabalho. Podemos destacar que é um momento importante e bastante relevante para todos que participem ativamente deste processo. Portanto, a escolha deste tema teve como principal objetivo mostrar que a aula de campo ela pode sim transformar a forma de pensar e ver o mundo.

3.4 A ESCOLA, A GEOGRAFIA DO PROFESSOR E A TURMA DO EJA 6º COM UM OLHAR DE UMA PRÁTICA VIVÊNCIA

Durante a realização desta pesquisa, tive o contato com o diretor, a vice-diretora e com os dois professores de Geografia da Escola estadual Professor Joaquim Torres e com uma turma, do turno noturno. Nesses encontros conversamos sobre a possibilidade de fazer este trabalho com eles e obtive respostas que foram suficientes para aprovar a realização desse estudo. Adiante começo abordando sobre como a direção atuou para ajudar na realização dessa aula de campo.

Obtive conversas formais com o diretor e a vice-diretora. O diretor da Escola Estadual Professor Joaquim Torres, disse que a escola ajuda sim aos professores na realização de uma aula de campo. A vice-diretora nos deu o seguinte registro:

Quando um professor pretende realizar uma aula de campo, primeiramente, ele elabora um projeto, que chega até a direção, nós avaliamos e depois aprovamos, a partir da aprovação começamos ir a busca de um transporte, pois a direção fica responsável neste auxílio. (Informação oral).

A escola durante a realização desta pesquisa esteve sempre disponível, a vice-diretora levou-me a conhecer a escola, fomos visitar todas as turmas do turno noturno, uma por uma. Durante esta visita pude ver como funciona a relação da escola juntamente com a direção, as salas de aulas não estavam lotadas, todas as turmas deste turno são pequenas, algumas destas com apenas 7 alunos. Quando disse que levaria uma turma do EJA para a realização de uma aula de campo, a vice-diretora aprovou, disse que essas turmas são “um pouco meio que esquecidas” e este convite é muito importante para eles.

Realizou-se um questionário com os dois professores de Geografia da Escola Estadual Professor Joaquim Torres, sobre a maneira como eles abordam esta disciplina, os dois responderam todas as perguntas. Eles são formados em Geografia, pela a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), um atua a mais de 13 anos na escola e o outro apenas um ano nesta instituição de ensino. Um deles sempre realiza aulas de campo, o outro disse que ainda não teve a oportunidade de fazer uma aula diferente fora da escola, devido não residir neste município, essa é a principal dificuldade por ele relatada.

Analisando através do questionário, avalei que ambos planejam suas aulas da mesma maneira, utilizam o livro didático, internet e mapas. E durante o período da graduação destes professores, eles tiveram algumas aulas de campo. A partir desta afirmação questionei-os por que um trabalho de campo é importante? Vejamos as respostas obtidas: Professor 1: “Porque leva o aluno a ter contato com o conteúdo transmitido em sala, o aluno ver outras curiosidades, como paisagens distintas das que costumam ver diariamente, construções e etc.” Professor 2: “Porque através da prática podemos reforçar a teoria, a aula de campo se torna interessante.”

Diante dessas respostas podemos afirmar que para ambos a aula de campo tem fundamentações consideradas essenciais fora da sala de aula, primeiramente, é interessante, como também o aluno aprende com outros olhares diversas curiosidades. O professor 1 relatou qual o real motivo da realização das aulas de campo: “Acredito no potencial da aula de campo para despertar o interesse do aluno pela disciplina, pelo conteúdo que está sendo trabalhado e até pela própria escola.”

A partir destes questionamentos, foi percebida a necessidade de conversar com uma turma e convidá-la para irmos a campo, sendo eu uma pesquisadora da comunidade, mas não servidora da escola com disposição formal para sua realização, pois esta instituição de ensino tinha disponível dois professores de Geografia capacitados para realizarem uma aula diferenciadora.

No decorrer do processo percebi as dificuldades práticas e políticas que um docente encontra dentro e fora da sala de aula. Notei que na prática a aula de campo é considerada algo simples de se concretizar, mas abordando politicamente de acordo com as normas da escola, existem alguns impedimentos encontrados desafiando o próprio professor. Primeiramente, ele não tem autonomia própria para levar sua turma a campo, ele necessita de um apoio pedagógico para a concretização de seu projeto.

Avaliando os três turnos desta escola, os turnos matutinos e vespertinos sempre saem junto com o professor de Geografia, o noturno conforme as respostas dos estudantes, nunca

foram convidados para essa atividade externa. Devido esta afirmação passei a me perguntar por que somente os alunos da noite não saem a campo. Será que era por não ter lugares para irem? Ou seria devido ao desinteresse dos próprios alunos?

São questionamentos considerados importantes e apresentam uma grande seriedade, pois, podemos trabalhar com a disciplina de Geografia em todo o lugar e a qualquer hora, portanto, o professor sempre terá uma localidade ou um objeto de estudo fora da sala de aula. O mais preocupante durante a parte prática da pesquisa que aconteceu entre agosto até outubro do ano de 2016 é que no turno noturno todas as turmas estavam sem professores de Geografia, revelando o oposto do que a vice-diretora afirmou em seu depoimento. Assim, além das aulas terem 40 minutos, há falta de professores.

Devido a esta ausência de professores, resolvi escolher uma turma da noite para participar da aula fora da sala e da escola. A princípio, quando realizei o convite aos alunos do EJA 6º ficaram surpresos e questionaram, aula de campo. Respondi-lhes sim e que seria uma aula fora da sala para analisarmos a dinâmica do nosso município. Esta turma é composta por 7 alunos, a foto 5 mostra os componentes desta turma, faltando apenas um, sobre o convite todos confirmaram sua presença, desta ida a campo juntamente comigo.

Foto 5: alunos da turma do EJA 6º, noturno.



Fonte: Autora, Outubro, 2016.

A aula de campo é um ótimo instrumento, mas sua prática é uma conquista, pois encontramos várias dificuldades para concretizá-la. Não consegui, por exemplo, encontrar suporte para sua efetivação com os dois professores de Geografia dos turnos diurnos. Neste sentido, ao encontrar as turmas noturnas sem aulas de Geografia, ociosos ou esquecidos como

a vice-diretora relatou, encontrei adesão, empenho, boa vontade e interesse. Eles ficaram muitos satisfeitos com o convite realizado e disseram que nunca tinham feito um deslocamento para aprenderem determinadas disciplinas disponíveis por aquela instituição de ensino.

Foi neste turno parcialmente atendido em seus direitos que percebi proatividade e receptividade para a realização deste trabalho. Justamente com essas pessoas desistentes ou tiveram dificuldades de seguir aulas em turnos do dia, algumas delas trabalhadoras ou que perceberam que só conseguiriam concluir seus estudos no ensino noturno.

No dia seguinte, conforme combinado estavam todos me aguardando para a aula. Nos reunimos próximo da sala da direção e saímos em sentido a praça bem próxima desta escola. A foto 6 mostra o local da realização desta aula. O percurso durou 6 minutos entre a escola e a praça, onde paramos 2 vezes para mostrar algumas mudanças acontecidas naquele espaço. A partir destas paradas notei a forma de como eles começaram a compreender o objetivo daquela aula. A primeira parada foi em frente à escola, perguntei se eles lembravam o que aproximadamente uns dois anos atrás funcionava de frente desta instituição. Uma jovem descreveu o seguinte: “[...] aqui existia um bar, popularmente conhecido como o bar da Maria”. Diante deste relato, expliquei que hoje a proprietária daquele bar modificou aquele espaço, construindo dois primeiros andares e na área térrea existe um salão que atualmente ela aluga, ou seja, fez um investimento naquela área.

Foto 6: Praça do ginásio da cidade de Serra de São Bento/RN



Fonte: Autora, Outubro, 2016.

Na segunda parada perguntei sobre outro antigo bar que existia. Todos disseram ter lembrança e atualmente está passando por construção, pois não sabemos de fato o que será finalizado naquele local, de repente, outra jovem disse o seguinte: “[...] aqui do lado antigamente era a prefeitura, neste casarão onde hoje os donos residem em Natal e passam os finais de semana nesta casa”. Fiquei bastante realizada com esses relatos, pois entendo que eles tiveram a compreensão do meu planejamento para aquele percurso em que buscava retratar que o espaço é modificado dinamicamente.

Ao chegar ao local determinado fiz algumas perguntas, a saber: Por que a paisagem urbana muda ao longo do tempo? Alguns responderam, outros estavam meio envergonhados e as respostas foram consideradas simples, mas foram excelentes. Comecei a abordar com eles sobre como espaço geográfico é dinâmico, afirmando que o espaço é construído e desconstruído constantemente.

Durante as minhas explicações procurei destacar exemplos de dentro daquela localidade um dos aspectos mais interessante foi sobre a minha seguinte pergunta: Por que o espaço é alterado? Uma jovem de imediato sem medir suas palavras, afirmou o seguinte: “[...] os políticos mudam porque querem, para não deixar trabalhos anteriores de outros governantes”. Pude notar durante esta afirmação, de como aqueles jovens possuem um senso crítico, porém, não com muitas fundamentações concretas, acreditando que briguinhas de políticos é o principal motivo das alterações do nosso espaço.

Logo em seguida, perguntei a eles sobre as modificações do espaço, se era algo recente ou se já acontecia há anos? Um rapaz respondeu o seguinte: “[...] essas mudanças acontecem há anos”, de fato ele está correto, percebendo que a turma se encontrava meio perdida com esta pergunta, perguntei a eles se todos concordavam com a afirmação do colega de classe, dizendo o seguinte: ele está realmente correto? As duas jovens disseram que sim os demais continuaram calados.

Então lhes relatei que o rapaz estava correto em sua afirmação, pois desde o surgimento do homem mais primitivo, ele passou a modificar o meio, por exemplo, através do corte de uma árvore, para construir suas próprias moradias e suas ferramentas de caça. E disse mais, a sociedade precisa modificar o espaço para suas necessidades e um dos fatores é referente à própria sobrevivência.

Escolhi aquela praça por ter sido recentemente modificada e que antigamente naquele local existia um Club Social onde acontecia eventos de grande e pequeno porte, alguns deles eram privados, para um determinado grupo de pessoas e outros eram públicos para a população no geral, porém, com o passar do tempo aquele clube ficou desgastado e não estava

com mais nenhuma utilidade para a população. Então resolveram construir aquela praça que hoje apresenta algum benefício para os indivíduos que residem nesta localidade, pois algumas pessoas caminham nela e é um local onde as crianças à tarde se reúnem para brincarem. Além disso, também acontecem eventos religiosos, algumas festividades tradicionais, como já aconteceu o próprio festival de inverno.

Convidei-os a responder um questionário e constatei que apenas dois afirmaram que fazem leituras frequentes com relação a esta disciplina, os demais não estudam esta matéria. A partir desta afirmação, fiquei preocupada de como hoje os alunos estão considerando esta disciplina, e me pareceu que estudam apenas quando é necessário e na maioria das vezes os alunos apenas decoram o conteúdo trabalhado em aula.

Na interpretação de outros relatos eles afirmaram que nunca participaram de uma aula de campo e acreditam que estudar Geografia é apenas para compreenderem o estudo das localidades, como por exemplo, aprender os nomes das cidades e estados, esta é maneira de como eles enxergam esta matéria. Supõem diante desses relatos que o ensino de Geografia para eles advém dos conteúdos do livro didático, sem a explicação do local, deixando de mostrar e abordar temas da nossa própria atualidade e vivência. Com essas impressões, considero ser uma triste realidade em pleno século XXI, ver o sistema educacional voltado basicamente para o tradicionalismo, como foi percebido com essa turma. Imagina-se que quando conseguem um professor, este repassa o conteúdo do livro didático e os alunos ficam presos no pensamento transmitido pelas páginas desta obra.

Sobre essa primeira aula de campo realizada, a turma no geral aprovou, saíram da rotina, aprenderam sobre o local e disseram que os demais professores poderiam fazer este tipo de aula, seria mais prazeroso essa forma de aprendizado. Na verdade, notei durante o nosso percurso de como eles estavam meio que perdidos, não com relação ao tema, mas devido aquela aula ser uma novidade, eles não sabiam para aonde olhar, era tudo novo, como também, víamos através dos olhares deles como estavam satisfeito com aquele momento.

Por fim, durante este relato desta experiência, pude avaliar que o docente pode encontrar algumas dificuldades de se trabalhar fora da sala de aula, como também, durante a realização do campo não pode agradar a turma no geral.

Quando iniciei minha pesquisa fiz um convite a um professor de Geografia para fazermos uma aula de campo, que em princípio demonstrou bastante interesse. Depois ele mesmo questionou, “[...] será que conseguiríamos um transporte para deslocar a turma?” Alguns dias depois esta aula se concretizou, a direção esteve na atuação para conseguir o transporte para a locomoção dessa turma e foram para uma cidade vizinha, porém, não estive

presente. Neste caso faltou a comunicação do docente para que eu pudesse participar deste momento.

Esta aula de campo ocorrida sem que o convite fosse feito mostrou uma desconexão, pois na conversa formal obtida com o professor, ficamos certos num período entre 15 dias que nós realizaríamos esta aula. Mas o grande receio dele era se iríamos conseguir um transporte para levar seus alunos a uma cidade vizinha. Depois, na tentativa de conseguir um transporte, o professor necessitou da direção para conseguir este meio de locomoção, foram ao campo, porém o docente não me informou desta conquista e não pude acompanhar esta turma. Assim, as turmas da manhã e da tarde não foram organizadas para favorecerem a minha solicitação.

O momento político, em minha compreensão, pode ter interferido ou algo que incomodava os professores responsáveis não tenha sido relatado e assim me auxiliar em criar uma alternativa. No entanto, as turmas matutinas e vespertinas não estavam favorecendo a realização de minha pesquisa, transporte inviabilizado e falta de proatividade dos professores responsáveis me deixava sem a possibilidade de realizar a atividade. Neste instante, de que se aproxima da política escolar e das relações extraclasse confrontei-me com o fato de que embora a literatura, a legislação, a formação dos professores e seus discursos tendam para favorecer a aula de campo, na prática a realidade está bastante distante.

Durante minha graduação fiz algumas aulas de campo, pude notar o quanto elas eram interessantes, foram abordados assuntos das próprias disciplinas que estavam estudando naquele período, deixo aqui um exemplo de uma ida a campo, realizada na cidade de Guarabira/PB, saímos da universidade com destino até a estátua do Frei Damião, a aula não foi sobre turismo religioso, o professor abordou sobre as estruturas rochosas daquela localidade. Durante minha graduação em Geografia a universidade mostrou o quanto à aula de campo é diferenciadora, mas questiono o seguinte: Por que na prática a realização do campo torna-se algo complexo?

A aula de campo pode ser tão inútil quanto à sala de aula fechada. Ela ainda é inovadora e desconhecida, embora seja uma prática das melhores instituições de ensino com mais de 40 anos de adotada. Sua inutilidade pode ser através de como o professor vai abordar o tema proposto, alguns podem acreditar que apenas sair da escola é considerado um campo, porém, isto não pode ser considerado assim, pois a principal preocupação é se o docente aborda conteúdos vivenciados pelos os próprios alunos daquela localidade, estimulando o pensamento crítico e reflexivo.

Estudantes ricos no Brasil fretam aviões e partem para outros países, enquanto nossa realidade de educação com cidades de pequeno porte, mal conhecemos o espaço urbano

imediate, nem suas histórias e dinâmicas. Os livros didáticos não abordam de um modo particular o município que moramos, como também a própria universidade não tem sido efetiva para seus graduandos sobre a maneira de agir dentro da sala de aula e fora dela. Questiono por que alguns professores, graduados, com uma boa preparação, ficam presos aos livros didáticos, será que é por falta de interesse? Preguiça de prepararem uma aula inovadora? Estes são uns dos questionamentos que a própria sociedade faz diariamente ao ver como anda o nosso sistema educacional.

Portanto, podemos analisar que a escola, o corpo docente precisa estar em conjunta união. A instituição de ensino no modo em geral tem o objetivo sempre de oferecer possibilidades aos seus professores, ampliando novos pensamentos e idealizações, para poderem juntos realizar uma educação mais reflexiva.

Noto que por minha experiência, enquanto aluna do Ensino Fundamental II, embora eu tenha gostado da aula do ponto de vista de ver o mundo real, mas também havia afeto, alegria uma melhora na relação interpessoal. Nós éramos estudante de escola pública, com poucos recursos, sendo raro para alguns a viagem de passeio ou férias que ao menos servisse de experiência fora do rotineiro. Afinal eram meus amigos e amigas viajando juntos numa quebra do cotidiano.

Foram umas das melhores experiências que pude ter durante minha vida estudantil naquela instituição de ensino. Portanto, como hoje me encontro na conclusão de minha graduação em Geografia, vejo que o professor é considerado o principal mediador dos conhecimentos repassados dentro da sala de aula. Ele tem em suas mãos um leque de oportunidades de trabalhar esta disciplina. Eu considero a aula de campo uma metodologia de ensino considerável para aprender determinados conteúdos que o livro didático repete a cada ano, sem explicações de nossa localidade.

A prática, principalmente do campo, como foi analisada durante minha pesquisa, não é algo tão fácil de concretizar, mas o professor não pode relaxar sobre os desafios que lhe são apresentados. Ele tem como o direito de lutar por melhores condições de se trabalhar com seus alunos, pois como educadores podemos convidar nossos alunos para fazerem a diferença que hoje a nossa sociedade tanto luta e ainda não conseguimos ter esta conquista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aula de campo pode ser uma metodologia essencial para o ensino da Geografia, é uma atividade extra, fora da sala de aula que envolve conteúdos escolares, sociais e espaciais.

Deve-se enfatizar que essa atividade prática transmite grandes conhecimentos para seus alunos. No processo educacional, inovar é uma das metas mais importantes, no entanto, o professor deve ser o principal mediador em suas ações metodológicas.

No transcorrer desse trabalho houve uma crítica ao que se pode considerar “ensino tradicional” centrado nos livros didáticos e na transposição didática do conhecimento científico e do conhecimento das matérias escolares, suas dificuldades e necessidades. A aula de campo surge como inovadora e estimuladora dos estudantes para ver a Geografia como dinâmica e útil ao cotidiano deles e delas.

O desejo de inovar não deve ser entendido como solução última para os defeitos do aprendizado. Há práticas antigas de ensino de Geografia que podem continuar a ser prazerosas, como há inovações que podem perder seus efeitos se mal conduzidas.

Este estudo voltou-se inicialmente para o ensino da Geografia e por isso foi diagnosticado alguns problemas que os próprios professores encontram em seu processo de formação, como também, na sua atuação como docente. No entanto, percebe-se que os problemas diagnosticados têm menos importância ou relação com a formação inicial e na prática desses professores.

O estudo de caso da Escola Estadual professor Joaquim Torres, nos fez refletir de como o sistema educacional de fato funciona, primeiramente, são grandes os desafios encontrados dentro e fora da sala de aula. Nesse sentido, se percebe que ao dialogar com os diretores e professores dos turnos diurnos a escola parecia perfeita, regular e atenta, entretanto, ninguém comentou que no turno noturno faltavam professores de Geografia deste o início do ano letivo. Se nesse primeiro contato essa informação tivesse sido passada, bem possível que os olhares se voltassem para o ensino da noite logo após o diálogo.

O que passou a ser inovador não é a metodologia de aula de campo, mas olhar a escola como um todo, com respeito a toda comunidade escolar e lhe oferecer todos os recursos possíveis, nesse caso, que os estudantes tivessem professores de Geografia, era mais inovador do que suas práticas. Inovação nesse tipo de escola é ser republicana, igualitária e democrática.

Apesar de sermos influenciados pela sociedade capitalista, caracterizada pela desigualdade social, onde cada um é visto pelo que tem, é fundamental que a família e a escola trabalhem coletivamente em busca de mudanças essenciais para a formação mais crítica e reflexiva de nossos alunos, pois a educação é primordial, para que possamos contribuir com o modo como a sociedade atua e pensa.

Ao longo dos anos, a educação passou por diversas mudanças, necessariamente em busca de uma melhor forma para aprimorar o ensino dentro das escolas. Percebe-se que houve verdadeiras transformações, as aulas tornaram-se mais diferenciadas, com a utilização de novos recursos didáticos. Apesar destes novos métodos ainda vemos o desinteresse dos alunos, onde estes afirmam que a instituição é um espaço chato e obrigatório.

Essa compreensão de uma educação chata e obrigatória, justamente por ser obrigatória que é chata, acaba exigindo de alguns docentes fazer práticas atenuantes como a aula de campo. Todo potencial da aula de campo é perdido se o estudante a encara como escape, subterfúgio e trapaça para não voltar para um encarceramento provocado por uma escola repleta de obrigações. Inovar é deixar de ser chata ou inovar é deixar de ser obrigatória?

Portanto, a partir desta pesquisa podemos analisar que o professor de Geografia precisa mostrar aos seus alunos outras maneiras de abordar os mais variados temas da nossa atualidade, o livro didático pode ser caracterizado como o alicerce das novas descobertas. Porém, ver a realidade, vivenciá-la, sem dúvida é uns dos melhores aprendizados. Por fim, a aula de campo pode mostrar os mais variados assuntos que dentro dos livros didáticos muitas vezes passam por despercebido.

A aula de campo pode ser inovadora ou conservadora, o uso do livro didático pode ser inovador ou conservador, as práticas podem ser repletas de novas tecnologias e ser conservadora, o fato é que ao adentrar nesta escola foi descoberta uma escola de duas velocidades, duas preocupações, dois projetos políticos que não se cruzam, não dialogam, sendo uma que importa e outra que não importa. Uma que se mostra e outra que se esconde.

Finalizo percebendo que em minha formação a aula de campo era algo para crianças e jovens e que nunca se teve o debate sobre o planejamento de aula de campo, mas que ainda que houvesse uma disciplina sobre o assunto, dificilmente seria alertada a dificuldade política, o descaso com o ensino noturno e bem provável que jamais seria proposto aula de campo para jovens e adultos. Assim, identifico nessa experiência que desenvolver metodologias e abordagens que favoreçam com que a aula de campo chegue aos estudantes do EJA como algo que ainda pode ser chamado de inovador, não pela metodologia da aula de campo em si, mas por ser uma atenção que não é dada na mesma importância que aos turnos diurnos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia/ Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia/ Secretaria de Educação Fundamental.**– Brasília: MEC/SEF, 1998. 156 p. 1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Geografia: Ensino de quinta a oitava série. I. Título.
- CALADO, Fláviana Moreira. Geosaberes. **O ensino de geografia e o uso dos recursos didáticos e tecnológicos.** Geosaberes, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 12-20, jan./jun. 2012
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidadania: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana,** Campinas, SP: Papirus, 2008.
- CHERVEL, A. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa.** Teoria e Educação, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.
- DANTAS, Aldo and MEDEIROS, Tásia Hortêncio de Lima. **Introdução à ciência geográfica: geografia – Natal: EDUFRN, 2008.**
- FALCÃO, Wagner Scopel and PEREIRA, Thiago Barcelos. **A aula de campo na formação crítico/cidadã do aluno: uma alternativa para o ensino de geografia.** Universidade Federal do Espírito Santo, 2009.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos anjos...[et al.]4. Ed. Ver. Ampliada.** – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- IBGE-<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=241330&search=rio-grande-do-norte|serra-de-sao-bento> Acessado em 25/02/2016
- JUNIOR, Marfílio Souza and GALVÃO, Ana Maria Oliveira. **História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões***. Educação e pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 391-408, set. /dez. 2005.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico; questões e propostas.** São Paulo: Contexto, 2008.
- MATHEUS, Elizabeth Helena Coimbra. **Possibilidades e limites das atividades de campo como estratégia no ensino da geografia.** Porto Alegre. 2005, PP. 01-152.
- MELO, Eduardo Pereira de. **O processo de urbanização de Serra de São Bento-RN.** Trabalho de conclusão de curso (graduação em geografia) Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
- MOTTA, Marlene François. **Espaço vivido/espço pensado: o lugar e o caminho.** Porto Alegre (RS), UFRS, 2003.

OLIVEIRA, Cristian Denny Monteiro de, and ASSIS, Raimundo Jucier Sousa. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 195-209, jan./ abr, 2009.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da Geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a Geografia atua**. UFPB. João Pessoa. 2007.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. Geografia no currículo escolar brasileiro (1837-1942). **Revista de educação, cultura e meio ambiente**- dez. Nº 12, vol. II, 1998

RECLUS, Eliséc; KROPOTKIN, Piotr. **Escritos sobre educação e geografia**. Biblioteca Terra livre. Dezembro, 2011.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 1988

SILVA, Rosilene Pereira da. **A prática pedagógica do professor de Geografia e o interesse dos educandos pela disciplina escolar**. UESP. 2003.

VIADANA, Aldler Guilherme; CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito. Excursão geográfica didática: Instrumento de prática e ensino em Geografia. **GEOGRAFIA Publicações Avulsas**, ano 09, n. 30, p. 1-21 (fevereiro 2011)

APÊNDICES**APÊNDICE A – SONDAAGEM APLICADA AOS PROFESSORES****1. Identificação:**

Nome: _____ Sexo: M() F()

Município: _____

2. Curso universitário:

Universidade: _____

Município: _____

Início e término do curso: _____

Turno: _____

Instituição: Particular () pública ()

3. Trabalho:

Escola: _____

Concursado () Contratado () outro ()

Séries que leciona: _____

Turnos: _____

4. Para o planejamento de suas aulas, quais são suas principais fontes de consulta?**5. Durante o período em que você estava se formando, ou se ainda está, houve alguma aula de campo?****6. Para você um trabalho de campo é importante?**

Sim () Não ()

Por quê?

7. Já realizou algum trabalho de campo com seus alunos?

Sim () Não ()

Por quê?

8. A escola colabora na realização dos trabalhos de campo?

9. Você encontra dificuldades para a realização dos trabalhos de campo? Quais?

10. Solicita alguma atividade aos alunos a partir do trabalho de campo? Qual?

11. Gostaria de falar sobre alguma experiência ou acontecimento ocorrido durante a realização de trabalhos de campo?

APÊNDICE B- SONDAÇÃO APLICADA AOS ALUNOS

1. Nome:

2. Série e turno:

3. Você considera a disciplina de Geografia importante para seu cotidiano:

() Sim () Não

Por quê?

4. O que você entende por Geografia?

5. O seu professor de Geografia já fez alguma aula de campo com você?

Sim Não

Onde foi o local desta aula?

6. Em sua opinião o que uma aula de campo pode representar para o seu aprendizado?

7. Com relação à disciplina de Geografia, seu professor aborda dentro da sala de aula conteúdos sobre a localidade que você mora?

Sim Não

Por quê?

8. Como você estuda a disciplina de Geografia?

Memoriza os conteúdos

Faz leituras freqüentes

Não estuda muito esta matéria